



FATORES ASSOCIADOS À BAIXA ADESÃO AO PRÉ-NATAL EM COMUNIDADES VULNERÁVEIS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

BRUNO FELIPE VARGAS JULIÃO

Discente de Enfermagem. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, Amazonas.
bfelipe.enf@gmail.com

RAQUEL NASCIMENTO DE FREITAS

Mestre em Enfermagem e Saúde Pública. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, Amazonas.
raquellfreitas@gmail.com

INTRODUÇÃO

A assistência pré-natal é um dos pilares fundamentais para garantir a saúde da gestante e do recém-nascido, permitindo a identificação precoce de agravos, bem como a promoção de práticas saudáveis durante o período gestacional. Apesar dos avanços na cobertura da Atenção Básica no Brasil e em outros países da América Latina, a baixa adesão ao pré-natal ainda é um problema recorrente, especialmente em comunidades vulneráveis. Tais comunidades enfrentam desigualdades sociais, econômicas, geográficas e culturais que comprometem o acesso e a continuidade do cuidado (Rocha & Souza., 2020).

A adesão ao pré-natal é essencial para a promoção da saúde materno-infantil, permitindo o acompanhamento adequado da gestação e a identificação precoce de possíveis complicações. No entanto, em comunidades vulneráveis, a baixa adesão ao pré-natal é um problema persistente e multifatorial. Dentre os principais fatores associados, destacam-se os aspectos socioeconômicos, como baixa renda, desemprego e escolaridade limitada, que influenciam a priorização de necessidades básicas em detrimento do autocuidado (Rangel & Souza., 2020).

De acordo com a *World Health Organization* (2016), é recomendável que uma gestante realize, no mínimo, oito consultas de pré-natal, com início precoce, idealmente no primeiro trimestre da gestação. Entretanto, em diversas regiões do Brasil, especialmente nas periferias urbanas e zonas rurais remotas, essa meta não é atingida por uma parcela significativa da população. Compreender os fatores que dificultam a adesão adequada ao pré-natal é essencial para que gestores, profissionais de saúde e formuladores de políticas públicas possam desenvolver estratégias eficazes de intervenção (Ferreira, Leal, Melo & Silva., 2018).

MÉTODO

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, construída com base na estratégia



PICO, com os seguintes elementos: P (População): Gestantes em comunidades vulneráveis; I (Intervenção/Exposição): Fatores associados à baixa adesão ao pré-natal; C (Comparação): Não aplicável (por se tratar de estudos observacionais); O (Desfecho): Identificação dos fatores limitadores à adesão ao acompanhamento pré-natal.

A pergunta norteadora foi: "Quais são os principais fatores associados à baixa adesão ao pré-natal em comunidades vulneráveis?". A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, LILACS, PubMed e BDNF, com os descritores: “atenção pré-natal”, “adesão”, “comunidades vulneráveis”, “barreiras de acesso” e “fatores associados”. Foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2015 e 2023, disponíveis em português, inglês e espanhol, com acesso gratuito e que abordassem direta ou indiretamente os fatores que interferem na adesão ao pré-natal em contextos vulneráveis. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 11 artigos para análise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos estudos revelou que os fatores associados à baixa adesão ao pré-natal em comunidades vulneráveis são múltiplos e interligados como diferentes dimensões sociais, econômicas e institucionais influenciam o comportamento das gestantes frente ao cuidado.

Entre os aspectos mais recorrentes estão os fatores socioeconômicos. A condição econômica precária foi amplamente mencionada como determinante para a baixa adesão, especialmente em contextos de baixa escolaridade, ausência de emprego formal e renda familiar insuficiente. Esses elementos impactam diretamente na capacidade das gestantes de manterem um acompanhamento regular, uma vez que frequentemente priorizam outras necessidades básicas, como alimentação e sustento da família, em detrimento do autocuidado. Além disso, a falta de conhecimento sobre os direitos relacionados à saúde e os benefícios do pré-natal costuma estar associada a níveis educacionais mais baixos, limitando a percepção da importância das consultas regulares (Sachilombo, da Costa, Cassinela & Sacomboio., 2023).

Outro ponto crítico diz respeito aos fatores geográficos e estruturais. A localização das comunidades e a precariedade da infraestrutura dos serviços de saúde representam obstáculos significativos. Em áreas rurais, ribeirinhas ou periferias urbanas, é comum a ausência de transporte público eficiente, somada à longa distância até as unidades de saúde. Muitos relatos evidenciam dificuldades para agendamento de consultas, rotatividade de profissionais e



descontinuidade no atendimento, o que desestimula a continuidade do acompanhamento pré-natal (Rocha & Souza., 2020).

Os fatores culturais e psicossociais também exercem influência considerável na adesão. Diversos estudos apontam que o medo de julgamento por parte da equipe de saúde, especialmente em situações de gravidez precoce, fora do casamento ou não planejada, pode fazer com que a gestante evite buscar atendimento. A violência doméstica, frequentemente invisibilizada, aparece como uma barreira grave, interferindo na autonomia da mulher para tomar decisões sobre sua saúde. Além disso, a ausência de rede de apoio, somada a quadros de depressão, ansiedade ou baixa autoestima, pode levar à negligência do acompanhamento gestacional (Silva & Leite., 2020).

Por fim, os fatores relacionados ao serviço de saúde têm um peso expressivo. A maneira como o atendimento é oferecido influencia diretamente a motivação da mulher em retornar às consultas. Atendimento impessoal, ausência de vínculo entre a gestante e a equipe de saúde, tempo de espera elevado, consultas rápidas e sem escuta qualificada são elementos negativos frequentemente destacados. A falta de ações educativas, acolhimento humanizado e abordagem integral das necessidades da gestante contribui para que muitas mulheres não deem continuidade ao pré-natal, especialmente quando não se sentem respeitadas ou compreendidas no serviço (Ferreira, Leal, Melo & Silva., 2018).

Esses achados evidenciam a complexidade do fenômeno da não adesão ao pré-natal, indicando que a superação desse problema exige uma abordagem integrada, intersetorial e sensível às realidades sociais das gestantes em situação de vulnerabilidade. A resolução dos obstáculos não depende apenas da área da saúde, mas exige um esforço intersetorial, envolvendo educação, transporte, assistência social e segurança pública (Rocha & Souza., 2020). Experiências exitosas descritas nos estudos analisados envolvem a implantação de equipes multiprofissionais, estratégias de busca ativa de gestantes, uso de tecnologias como a telemedicina em regiões remotas, e programas de educação em saúde com linguagem acessível. Além disso, a valorização do agente comunitário de saúde como elo entre a comunidade e o serviço de saúde tem mostrado impacto positivo na ampliação da cobertura e da adesão ao pré-natal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A baixa adesão ao pré-natal em comunidades vulneráveis é condicionada por uma rede de fatores interdependentes, que envolvem desde limitações econômicas e geográficas até barreiras psicossociais e falhas na organização dos serviços. Compreender esses fatores é essencial para o desenvolvimento de ações assertivas e eficazes. A superação dessas barreiras requer investimento em políticas públicas voltadas para a equidade no acesso à saúde, capacitação profissional e fortalecimento da atenção básica como porta de entrada do cuidado integral à gestante.

REFERÊNCIAS

Rocha, R., & Souza, J. (2020). Fatores que influenciam a adesão ao pré-natal em populações vulneráveis: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20(1), 123–130. <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000100007>

Rangel, V., & Souza, A. Q. (2020). Fatores associados à não adesão às consultas de pré-natal na atenção primária à saúde: Revisão integrativa. *Revista de Saúde Dom Alberto*, 8(2), 244–261. <https://revista.domalberto.edu.br/revistadesaudedomalberto/article/view/674>

World Health Organization. (2016). *WHO recommendations on antenatal care for a positive pregnancy experience*. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9789241549912>

Ferreira, N. M. N., Leal, C. F. F., Melo, E. M. D. L., & Silva, F. M. (2018). Fatores associados à qualidade do pré-natal na atenção básica. *Revista Foco em Tecnologia*, 15(2), 51–58. <http://www.revistafocoemtecnologia.com/index.php/Revista/article/view/77>

Sachilombo, M. M. N., da Costa, M., Cassinela, E. K., & Sacomboio, E. N. M. (2023). Fatores que influenciam a não adesão das mulheres grávidas à consulta de vigilância pré-natal. *RevSALUS*, 5(Sup), 26. <https://doi.org/10.51126/revsalus.v5iSup.534>

Silva, R. P., & Leite, R. C. (2020). Violências por parceiro íntimo na gestação: Prevalências e fatores associados. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20(3), 727–735. <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000300003>

DESCRIPTORES: Atenção Básica; Enfermagem; Proteção; Promoção da Saúde.